Joaquim Poças Martins: “Não é possível haver sistemas com 80% de perdas de água e que não melhoram há dez anos”

24 de Março, 2021

Joaquim Poças Martins, engenheiro e professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), foi o orador convidado para falar na primeira Sessão Especial do **15.º Congresso da Água** promovido pela **APRH** (Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos). Subordinada ao tema “Política da Água em Portugal no contexto da Região Norte”, o engenheiro iniciou o seu discurso felicitando o setor da Água e todos os profissionais envolventes: “Tem havido muitos mais problemas noutros setores do que propriamente na Água e isso quer dizer que temos conseguido evitar que os problemas tenham sido mais graves”. E a prova disso é que, em plena pandemia, a água continua a chegar às torneiras dos portugueses: “A população deve estar grata ao setor da Água e seus profissionais em não haver um problema de água em cima de um problema de pandemia”. A isto acresce o papel das instituições como a APRH e similares que, ao longo dos últimos anos, também têm promovido “ações articuladas” são uma mais valia: “É importante destacar este traço de união no setor”, vinca.

Pela positiva, está também a “continuidade de políticas” que tem havido no setor da Água, desde há 20 ou 30 anos, algo que é “raro” em Portugal: “Na vida pública, vemos governos a dizer mal dos anteriores e o mesmo acontece nas instituições”. Já no setor da Água, Joaquim Poças Martins destaca que, desde os anos 90, o modelo adotado tem resistido no tempo: “Mudaram governos de várias cores, mas felizmente não foi interrompido o plano de investimento e nem foram descontinuadas políticas importantes”.

Há duas palavras que na visão do docente da FEUP podem mudar pela positiva a forma como se lida com a água: a reutilização e a dessalinização: “Sem estas duas novas origens penso que não podíamos ser otimistas relativamente ao futuro”.

[blockquote style=”2˝]O preço da água tem que ser articulado politicamente[/blockquote]

Olhando para os aspetos menos positivos, Joaquim Poças Martins não compreende o preço da água: “Continuando a ter água gratuita, a gestão é impossível: a abundância usufrui-se, a escassez gera-se. Temos usufruído em demasiado a água e, enquanto houver água de borla, ninguém vai reutilizar”. Para o

engenheiro, “não há qualquer política de reutilização que tenha qualquer hipótese de sucesso se houver uma alternativa a preço zero”, pelo que “preocupa-me situações que vão ocorrer com mais frequência relacionadas com a repartição de água em situações de escassez”. É certo que o “preço da água é extremamente sensível”, mas “não pode existir um discurso sobre a escassez ou sobre a sua importância” e, no final, cada um tira a que quer: “Não conseguimos poupar, gerir e evitar o desperdício enquanto não atacarmos de frente o preço da água e temos sido excessivamente delicados sobre esta matéria”, sustenta.

A “eficiência” é um outro tema que merece ser chamado a atenção: “As políticas medem-se por resultados e estamos cansados de ouvir teorias sobre a eficiência da água e continuamos a ter regra por aspersão ao meio dia no Alentejo em que nenhuma gota de água chega à raiz das plantas”, alerta. E, onde não há água, atenta Joaquim Poças Martins, Portugal corre o risco de ter de adotar um “modelo semelhante ao de Espanha de grande artificialização”, algo que, em 2021 não se admite: “Não faz sentido nenhum estarmos a evoluir para criar necessidades onde não há água e depois ir buscar água aqui ou ali”. Mais uma vez, o “preço da água tem que ser articulado politicamente”, defende, ressaltando que “a água é um fator de produção e tem que ter um valor”.

Algo que para Joaquim Poças Martins parece ser impossível de aceitar são as perdas de águas nos sistemas públicos de abastecimento: “Estamos em 2021 e não é possível haver sistemas com 50, 60, 70 e 80% de perdas e que não melhoram há dez anos”. Este é um problema que não se resolve com “cadastros” ou com “formação”, diz, constatando que as perdas de água reduzem-se num espaço de tempo de um ou dois anos: “Se isso não acontece é porque não há condições ou não se sabe”, afinca. Nestas matérias, o docente concorda com a existência de incentivos para as melhorias, mas reclama pela necessidade de existir penalidades: “Não é possível continuar esta situação que enfraquece a posição da exportação do *know-how* português de alguma experiência que temos no mundo”.

[blockquote style=”2˝]Não é possível em 2021 haver sistemas mal geridos[/blockquote]

Com os olhos no futuro, Joaquim Poças Martins chamou ainda a atenção para um problema muito maior e mais grave do que a pandemia da Covid-19: as alterações climáticas. No que diz respeito à água, o engenheiro não tem dúvidas de que a solução passa pela realização até à potabilização: “Hoje em dia, que tem 50 cêntimos por metro cúbico não tem falta água”. Depois, além de resolver o problema da falta de água, combate a poluição: “Se nas cidades e indústrias reutilizarmos a água acabamos com dois problemas: nunca mais falta água e nunca mais há poluição”, reforça. Já num cenário mais pessimista, o docente destaca uma outra solução: “Se tudo falhar, ainda há alguma água no mar e sabemos que em termos de engenharia há soluções para ir lá buscar essa água e transformá-la em água potável”.

Na visão de Joaquim Poças Martins, o caminho vai no sentido da naturalização: “Termos uma engenharia muito mais sofisticada e de perceber bem a Natureza e conviver com ela”. Para o docente, vai haver uma instauração de transição:

“Acredito que as barragens que foram feitas para fins hidrelétricos, vão poder ser reutilizadas para outro tipo de fins e evitar que se façam mais. Acredito que ainda vou conseguir estar numa casa que seja autónoma do ponto de vista de água”.

Face a uma experiência enriquecedora no setor da Água, Joaquim Poças Martins deixa uma mensagem final: “Há sempre soluções interessantes e diferentes. Mas, agora falta-me já a paciência para a incompetência, para a queixa reiterada ou para os 80% de perdas ao fim de dez anos. Não é possível em 2021 haver sistemas mal geridos. Têm que ter uma dimensão adequada”.

O **15.º Congresso da Água** começou no dia 22 de março (segunda-feira) e termina no dia 26 de março (sexta-feira). Subordinado ao tema “Para uma política da água em Portugal – o contributo da APRH”, o evento decorre em formato online.